

1 Introdução

1.1 Apresentação da temática

*“A palavra é metade de quem a pronuncia
e metade de quem a escuta”
(Michel Eyquem de Montaigne)*

Este trabalho trata de um assunto pouco discutido geralmente, mas que se constitui em um aspecto de ampla presença e relevância na comunicação entre os indivíduos, desde as mais simples, até as mais complexas relações de hierarquia: os vocativos. Em qualquer ambiente em que estejamos, os vocativos estão sempre presentes, uma vez que precisamos nos referir às pessoas nas interações verbais orais e, por isso mesmo, é extremamente importante ter um bom repertório vocabular para que seja possível compreender e produzir as expressões adequadas aos diferentes contextos de comunicação da vida humana.

Ao longo do estudo proposto aqui, buscamos listar e descrever as formas discursivas de realização e emprego dos vocativos, interpretar as razões e contextos nos quais os interactantes optam por tais expressões e, ainda, mostrar a relevância deste estudo para o ensino de Português como Língua Materna (PLM) e de Português como Segunda Língua para estrangeiros (PL2E).

Tendo em vista a necessidade que os falantes (inclusive os estrangeiros) têm de conhecer e dominar não só o idioma, mas também as sutilezas presentes nas escolhas a lingüísticas, optamos por uma fundamentação teórica que envolve conceitos desenvolvidos pela Pragmática, pelo Interculturalismo, pela Antropologia Social e também pela Gramática funcional de Halliday. A opção por esta abordagem nitidamente interdisciplinar nos permite discutir o tópico com maior abrangência, uma vez que se relacionam com aspectos ligados à linguagem, à interação social e à cultura. Além disso, vale lembrar que uma comunicação bem

sucedida envolve muito mais do que um simples conhecimento lingüístico padrão de determinado grupo social.

Em uma interação social conversacional, é bastante comum nos referirmos aos participantes utilizando vocábulos ou expressões. No entanto, muitos são os fatores que determinam a comum utilização e aceitação de um termo como vocativo em um grupo social, ao mesmo tempo em que outros são preteridos pelo mesmo grupo. Nesse sentido, um dos objetivos deste trabalho é, exatamente, buscar entender o que pensa o falante ao fazer suas escolhas vocabulares.

Ao seguirmos tal raciocínio, somos levados a lembrar também das idéias de Labov (1970). Segundo o autor, com o propósito de alcançar uma descrição adequada dos fatos lingüísticos, o lingüista deve compreender o que condiciona o chamado *desempenho lingüístico*. Este termo faz parte da dicotomia competência / desempenho (competence/performance) proposta por Chomsky, segundo a qual, o conceito *competência* refere-se ao conhecimento do falante sobre sua própria língua, ou seja, o sistema de regras sobre a língua, o qual permite que ele crie e compreenda novas sentenças gramaticais. A *competência* traduz não apenas um conhecimento interiorizado e enraizado culturalmente, mas também indica a intuição do falante quanto à validade dos enunciados produzidos em determinada língua.

Ao defender que, ao receber um estímulo, a resposta que emerge é inata, pois já estava presente na estrutura do indivíduo, Chomsky rejeita o conceito empirista da aquisição da linguagem. O argumento do qual ele se utiliza baseia-se no fato de que, caso a linguagem não fosse inata, uma criança não poderia se apossar de regras tão complexas como as de gramática, uma vez que não tem formação e nem foi exposta a experiências lingüísticas. Dessa maneira, Chomsky supõe, então, que o ser humano seja “programado” para ter o domínio da língua.

Para Chomsky, a gramática é universal; uma criança nasce, assim, com a capacidade de falar e não existe uma língua pré-determinada “programada”. Ela falará o idioma do meio em que estiver inserida e fará uso, então, de uma gramática “hipotética”, a qual, após algumas experiências, será aperfeiçoada. Desse modo, estruturas e termos inconcebíveis serão eliminados, e ela encontrará padrões a partir de tentativas. Assim, a criança terá adquirido conhecimento de sua língua.

Em contrapartida, Gumperz (1970) apresenta a idéia de *competência comunicativa*. Ele a descreve como a habilidade de selecionar, entre a totalidade de expressões gramaticalmente corretas disponíveis, as formas que refletem adequadamente nos meios sociais, ou seja, próprias do comportamento em contextos específicos.

Nota-se, então, que a *competência comunicativa* envolve a manipulação da forma, função e contexto da língua; o conhecimento não apenas dos códigos desta, mas também do que dizer, para quem, e como dizer apropriadamente, em qualquer situação. Dessa forma, a *competência comunicativa* engloba conhecimentos estrutural, social, cultural e funcional, necessários em interações verbais diversas. Nesse caso, a língua é vista, ao contrário da perspectiva adotada por Chomsky, como um dos muitos códigos compartilhados ou sistemas simbólicos que membros da sociedade utilizam em sua vida diária, e não como uma propriedade do indivíduo.

Sendo assim, em termos gerais, pode-se afirmar que da mesma maneira que a *competência* (Chomsky) indica qual oração é gramatical ou não, a *competência comunicativa* (Gumperz) indica qual forma de se expressar é mais apropriada para cada situação que o falante experiencie. Na perspectiva deste trabalho, compreendemos a questão da competência como uma combinação das visões de Chomsky e Gumperz, uma vez que entendemos que o uso do vocativo, por ser parte da língua, também depende diretamente desse repertório lingüístico de cada indivíduo, bem como de sua capacidade em adaptá-lo a cada situação.

Tendo como base as propostas expostas até aqui, optamos então por dividir o trabalho da seguinte maneira: o primeiro capítulo trata da introdução do trabalho – a apresentação da temática, as justificativas para a pesquisa, o problema existente na comunicação social e que motivou este trabalho, e os objetivos que buscamos alcançar na elaboração do mesmo. No segundo capítulo, tratamos do referencial teórico no qual baseamos a pesquisa: alguns conceitos da Antropologia, pertinentes ao trabalho, tais como as dicotomias casa e rua, indivíduo e pessoa, igualdade e hierarquia, e também os conceitos de face e *self*. Além disso, tratamos também de conceitos do Interculturalismo, como cultura objetiva e cultura subjetiva etc. Ainda neste capítulo, abordamos a teoria dos atos de fala (Goffman [1996], Searle [1969/1979], Levinson [1989]), as estratégias de polidez, bem como o papel do vocativo como um ato de fala. O quarto tópico trata

da gramática funcional e sua contribuição para nossa pesquisa e o quinto, da metodologia aplicada para a realização do trabalho.

É possível encontrar, no terceiro capítulo, o tópico do nosso trabalho mais especificamente: os vocativos. Com relação a eles, apresentamos definições encontradas em alguns materiais de português como língua materna, e outros do português como língua estrangeira.

Dando prosseguimento, no quarto capítulo passamos à análise dos dados obtidos e posterior categorização dos mesmos, a partir de parâmetros pré-estabelecidos: proximidade/distanciamento; variedade lexical e estratégias de polidez; e as possíveis inadequações lingüístico-situacionais, tendo em vista os objetivos da pesquisa. Já no quinto capítulo, fazemos considerações finais sobre o trabalho, focando a importância do ensino do vocativo para estrangeiros e as possíveis contribuições prestadas a tal área.

1.2 Justificativa

A escolha dos *vocativos* como tema deste trabalho se deu como fruto da observação de sua ocorrência em situações cotidianas, do fato de percebermos sua extrema importância na comunicação social e da consequente hipótese inicial de que eles poderiam gerar problemas de compreensão e produção para estrangeiros que estudam Português como segunda língua.

Se considerarmos as ferramentas pelas quais um aprendiz estrangeiro pode estudar determinada língua estrangeira, será possível perceber que uma mera lista de regras normativas não satisfaz produtivamente as necessidades comunicacionais diárias num contexto de imersão. A fim de que o aprendiz estrangeiro possa estabelecer interações sociais bem sucedidas, é preciso que ele tenha conhecimento de como a língua acontece na realidade; ou seja, que tipos de recursos lingüísticos, prosódicos, culturais e pragmáticos são empregados diariamente. Caso haja desconhecimento ou distração com relação a qualquer um destes aspectos, a comunicação vai sofrer um consequente choque e serão grandes as chances de má compreensão por parte dos interactantes.

1.3 Problema

Ao nos comunicarmos com outros falantes, nossa intenção é que sejamos compreendidos e que a interação aconteça sem quaisquer mal-entendidos, ambigüidades, ou outro efeito negativo. Os vocativos, por serem bastante variados em relação à quantidade, ao perfil dos usuários e aos contextos de realização, merecem atenção, pois a falta de domínio dessas particularidades pode causar uma série de problemas comunicacionais que envolvem situações de ameaça à face dos participantes da interação.

O vocativo está presente em vários contextos da interação social e é utilizado pelos falantes a fim de se referirem a seus interlocutores para chamar sua atenção ou também, muitas vezes, para simplesmente manter aberto o canal da comunicação. Em quaisquer das situações mencionadas, saber utilizar os vocativos constitui-se em fator de grande importância, uma vez que não podemos utilizar os mesmos termos para nos referirmos a todos os falantes, em todos os contextos; portanto, é necessário atentarmos para as particularidades presentes nos tipos de interação e as conseqüentes escolhas que fazemos.

1.4 Objetivos

Este trabalho tem por objetivo identificar, descrever e analisar os vocativos utilizados por falantes do português como língua materna em situações do cotidiano, em contextos informais. Acreditamos que o falante estrangeiro, ao ter conhecimento das diversas formas e contextos em que os vocativos podem variar na nossa comunicação, poderá se beneficiar bastante desse fato e, assim, alcançar um bom nível de adequação na sua comunicação intercultural. Sendo assim, aqui buscamos pesquisar e apresentar os contextos de ocorrência do vocativo, as estratégias discursivas usadas no seu emprego, e também as motivações para as escolhas feitas pelos falantes.